REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 435

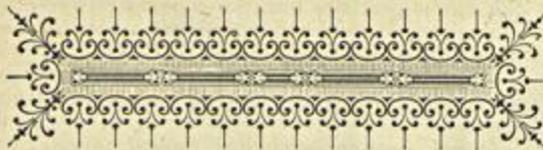
21 DE JANEIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

OCTAVIO FEUILLET — FALLECIDO EM 30 DE DEZEMBRO DE 1890

(Segundo uma photographia de Nadar)

CHRONICA OCCIDENTAL

Relacionam-se estreitamente com a Africa, — a grande e permanente preoccupação que ha um tempo domina Portugal, e que deveria tel-o sempre dominado — os dois acontecimentos mais notaveis d'estes ultimos dez dias: — a chegada de Azevedo Coutinho e a partida da expedição para Moçambique.

Azevedo Coutinho, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, é um rapaz muito novo ainda, destemido e audaz, que um acto de valentia energica encheu de gloria em Chiloma.

O paiz que recebera com alvoroço e com enthusiasmo a noticia d'esse acto, cuja audacia triumphante lhe recordou os feitos heroicos dos antigos portuguezes, que illustram as paginas mais gloriosas da nossa historia, fez a Azevedo Coutinho uma recepção brilhante, acolheu-o como a um triumphador, e essa recepção e esse acolhimento ao mesmo tempo que eram uma homenagem justissima ao valente marinheiro, foram uma affirmação eloquente do patriotismo portuguez, do enthusiasmo, da vitalidade que a questão africana despertou finalmente na grande alma nacional

Esse enthusiasmo, essa vitalidade demonstrou-se tambem d'uma maneira notavel e evidente na partida da expedição que vae para as terras da Africa não para conquistar novos territorios, mas para manter e defender as nossas velhas conquistas, que a ambição ingleza tão gravemente tem ameaçado.

A partida d'essa expedição foi um verdadeiro acontecimento patriotico e o Tejo apresentou n'esse dia um aspecto novo para nós, um aspecto desusado, que nos fez pensar nas discripções que as velhas chronicas fazem da partida das antigas expedições em que os portuguezes iam á conquista dos mares nunca d'antes navegados.

Foi um espectaculo magestoso, imponente, commovedor, esse que Lisboa presenceou no dia 15 e d'elle encontram os nossos leitores noticia minuciosa n'outro logar do OCCIDENTE: nós aqui apenas queremos registar esses dois acontecimentos tão nacionaes e tão brilhantes, que assignalam d'uma maneira notavel o mez de Janeiro de 1891 —esse mez que no anno findo foi tão dolorosamente assignalado na historia patria pelo ultrage do *ultimatum*: — a partida da expedição para a Africa, e a chegada do brilhante heroe do Chiloma João d'Azevedo Coutinho.

*
* *

Esse terrivel mez de Janeiro de 1890 deixou-nos de si bem tristes e bem lugubres recordações e como que para provar a verdade indiscutivel de que uma desgraça nunca vem só, a desgraça do *ultimatum* coincidiu com outras duas desgraças, que por serem de genero differente não deixaram de enluctar tambem a patria, e enluctaram tristemente o nosso coração: — a morte de Francisco Palha e a morte de Julio Cesar Machado.

E juntaram-se quasi que no mesmo dia esses tres lugubres acontecimentos.

O *ultimatum* foi no dia 11, mas o publico só teve d'elle noticia no dia 12; um domingo radiante de sol, quando os jornaes da manhã publicaram a terrivel noticia.

Nós preoccupados tristemente com a morte de Francisco Palha com a perda d'esse querido amigo e d'esse glorioso confrade, nem lêmos de manhã os jornaes e todo entregue á nossa dor fomos acompanhar á sua ultima morada o pobre Francisco Palha, a quem estremeciamos como a um irmão adorado.

Ao jantar, quando estavamos contando a um amigo intimo e grande medico, que jantava em nossa casa, os promenores da doença de Francisco Palha, que nos surprehendeu a todos com a morte, quando annunciava já a convalescença, entrou-nos pela porta dentro a *Tarde* com a mais inesperada e a mais assombrosa das noticias — a da tragedia medonha da Travessa do Moreira, a do suicidio profundamente dramatico e mysterioso de Julio Cesar Machado, outro nosso estremecido amigo, outro nosso collega illustre, cuja gloria triumphante era uma das mais risonhas glorias da litteratura portugueza.

Ficámos como que fulminados pela noticia d'essa assustadora e imprevista catastrophe.

E apenas acabámos de jantar sahimos á procura da explicação d'essa demora inexplicavel, d'informações mais intimas e mais precisas, do que aquellas que a *Tarde* dava.

Tinhamos camarote em S. Carlos.

Quando lá chegámos estava-se em meio do primeiro acto da opera — que era, se a memoria nos não falha — *A Estrella do Norte*.

Esperámos pelo intervallo para sabermos noticias, e apenas o panno cahiu sobre esse 1.º acto, descemos ao salão á procura de informações acerca da sinistra tragedia de que fôra auctor e protogonista ao mesmo tempo o alegre Julio Cesar Machado, o brilhante folhetinista, que tanto alegrára as lettras portuguezas com o seu espirito tão original, tão expontaneo, tão caracteristico.

Quando chegámos ao salão havia n'elle uma agitação desusada. Aproximamo-nos de varios grupos com a nossa pergunta engatilhada, pensando que toda aquella gente que fallava e que discutia com tão anormal vivacidade, fallava da tragedia que nos preoccupava a nós.

E com grande espanto vimos que ninguem fallava n'isso! Era outro o assumpto de todas as conversações, era outra a preocupação que dominava todos os espiritos.

Esse assumpto, essa preocupação era o *ultimatum* de lord Salisbury e as manifestações que corriam as ruas.

O que era aquillo?

Para nós que n'esse dia não tinhamos lido os jornaes, que ha uma semana preocupados com a doença de Francisco Palha, não tinhamos pensado n'outra coisa, era uma completa novidade o *ultimatum*.

E quando nos principiaram a contar o que era, entrou pelo theatro dentro uma grande onda de gente dando vivas á Patria, morras ao governo e morras á Inglaterra!

E foi assim que para nós esses dois tristissimos acontecimentos — o ultimatum o e sucidio de Julio Cesar Machado, se juntaram no mesmo dia d'outro acontecimento profundamente doloroso — o enterro de Francisco Palha — no terrivel dia 12 de janeiro.

*
* *

Os artistas do theatro da Trindade, theatro de que Francisco Palha foi o iniciador e director, artistas de quem elle foi durante toda a sua vida o amigo disvelado commemoraram o primeiro anniversario da morte do seu illustre e chorado emprezario, com umas exequias solemnes na egreja do Loreto, exequias que foram muito concorridas e que tiveram uma imponencia e ao mesmo tempo um aspecto profundamente commovedor, que em raras exequias temos visto e que prova quanto Francisco Palha era justamente querido, quanto a sua memoria é estremecida por todos, quanto a sua falta é por todos sentida, hoje como no primeiro dia.

O templo estava todo armado de lucto, mas não era só nos crepes que ornavam o magestoso catafalco, e que pendiam á porta da egreja que havia o lucto: havia-o no rosto de todos que assistiam a essa piedosa cerimonia, havia-o nas lagrimas que vimos em muitos olhos.

Sobre a eça, via-se, coroado pela gloria, um magnifico retrato de Francisco Palha, que pela sua extraordinaria parecença produzia uma impressão enorme.

Ás exequias assistiram alem da ex.^{ma} familia de Francisco Palha, todos os actores, actrizes e pessoal do theatro da Trindade, muitos homens de lettras, funccionarios publicos, amigos intimos do chorado morto, que encheram completamente o templo.

Francisco Palha era bem digno e bem merecedor d'esta imponente homenagem de sympathia e de respeito á sua querida memoria, d'essa notabilissima manifestação de duradoura saudade pela sua irreparavel perda.

E decorrido um anno, nós com o mesmo sentimento profundo com que viemos aqui no dia da sua morte, prestar o nosso preito ao grande litterato, que as lettras portuguezas perdiam e ao grande amigo que a morte nos levava para o tumulo, vimos hoje commemorar o primeiro anniversario de Francisco Palha, depôr uma humilde saudade sobre a sua cova.

Gervasio Lobato.

BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 434)

Dois homens de superior engenho escreveram demoradamente da *Paquita*: Alexandre Herculano e Rebello da Silva. Ambos nos disseram que o poema immortal do poeta — era a sequencia dos poemas romances, que illustraram a Italia, desde os *Orlandos* de Boiardo e do divino Ariosto até o *Ricciardetto* de Fortiguerra. Assim, que pertence a essa escóla italiana, que sabia bordar o matiz da vida real com suprema verdade na tela das creações mais phantasticas, — rindo e chorando no mesmo canto e até na mesma estrophe, antes que Shakspeare risse e chorasse no mesmo acto. N'elle se encontram, consoante Rebello da Silva — vislumbres, recordações, por certo, da musa independente, estouvada, vagabunda de Musset, o gume frio e cortante da ironia mordaz da alma inconsolavel de Byron, e a sombria interpretação *del Diablo Mundo* de Espronceda.

Com effeito: o seculo XVI, a que pertencem os poemas citados por A. Herculano, e tambem os que trouxe para a sua critica o illustre Rebello da Silva, — produzio e ficou celebrado em composições poeticas, exuberantes de paixão, devaneio e ironia; o que tudo era o resfolegar alegre, expansivo e truanesco do seculo, que saía das dôres apertadas e cruciantes da meia-edade. Era a epocha d'esta feição em todas as suas obras de maravilha, que, pelo serem, formaram o cyclo extraordinario da *renascença*. Quem se não lembra ainda n'esta hora d'aquelle divino *Corregio*, que, accedendo aos rogos, talvez mesmo ás instancias de uma espirituosa e interessante abbadessa, Joanna, filha de Marco de Piacensa, fidalgo de Parma, lhe pintou no convento de S. Paulo, que ella dirigia, e na propria alcova d'aquella mulher formosa, alguns frescos da mythologia pagã, cujo olympo a renascença ia trazendo a lume? Quem se não lembra d'elle ao fallar do seculo XVI, e mais tambem d'aquelles directores espirituaes e temporaes das differentes communidades monasticas, que mandaram, de sua custa, pintar oratorios mythologicos, alegres estancias, risonhos quadros decameronicos, onde elles, abbades e abbadessas, furtando-se a cuidados e a jejuns, aligeiravam o tempo, pascendo olhos e espirito na contemplação de scenas, em que voluptuarias imagens, harmoniosas na pureza das linhas, os consolavam de suas tradicções asceticas, que lhes eram prescriptas pelos dogmas austeros do Crucificado? Quem se não lembra? E de que o breviario d'elles e d'ellas era um Ovidio, o bom Virgilio, ou o risonho Homero; e que o seu rosario, em vez de contas, se compunha de medalhas antigas? ! Os poemas de então, taes os que cita Herculano e Rebello da Silva, todos tracejados e concluidos n'este accordar do seculo para os prazeres humanos, e gulosos d'elles, como quem nutre ainda receios e médos pela sombra austera do claustro — todos, é certo, riem e choram na mesma estrophe, e dos mysticos abandonos se prazem na côr, no sol, nas graças da formosura, que ahi, n'esses poemas corre riscos grandes e aventurosos amores, que o seculo, farto do padecer medieval, agradece como um regresso á boa mãe natureza, de onde não ha fugir, sem nevrose ou doença grande, — a que, escriptores e pintores, deram remedio em suas telas e poemas!

Certamente assim foi: e tudo isso se encontra n'aquellas paginas dos cantos da *Paquita*, onde a *consuleza* vae á missa e canta malagueñas! [1] Mas,

[1] Por ser de subido preço, aqui transcrevemos a malagueña cantada por uma das heroinas do poema:

Quando saio de tarde, e a fresca aragem
Me dá na roupa,
Sou como a barquinha á vella
Que vae seguindo viagem
De vento em pôpa

Depois, se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê
Baixinho me diz: — «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;

Mas sempre alguem
Me diz que vê
Distinctamente o pésinho...
Quando não é
Ás vezes um bocadinho...
Além do pé!...

mais avisado nos parece Rebello da Silva, quando, por não commetter erro, sem arredar a observação do mestre, conclue pela naturalisação romantica do poema, dando-lhe por testemunhas do berço, a Byron, a Musset e a Espronceda. Sim, estes foram os seus amigos de creação, sem que se perdesse a individualidade do auctor, que, nascido na patria de Calderon, das Hespanhas é assaz informado, pois mesmo longe da infancia ahi passou largos dias e no trato intimo de homens illustres, cujo idioma o poeta fala com graça. Mas, como quer que seja, a *Paquita*, producto de uma intelligencia meridional, dispensa genealogias para sua recommendação. É, em verso portuguez, o que o *barbeiro de Sevilha* é na musica italiana : — O romance da mocidade ; e este ha de sempre aquecer de iriadas e vivas saudades os gelos, as cans, e as estreitezas da velhice. Assim elle se nos recommenda ; e o seu proposito, melhor e mais cabalmente será cumprido, quando o poeta nos trouxer os dez cantos, que já tem completos do seu trabalho, que elle diz modestamente ser o ultimo lampejo de sua vida já tão laboriosa.

III

Em verdade, depois d'aquelle poema, onde Herculano encontrou *poesia, naturalidade* e *senso commum*, é constante, indefeso, o trabalho do illustre escriptor. Não menos de 18 volumes deu á estampa até 1888; dos quaes alguns em prosa, e os restantes na fórma elegante de seus versos. Em 1867 publicou as *Canções da Tarde*, cuja edição é extincta ; em 1870 as *Flôres Agrestes ;* em 1873 os *Cantos e Satyras ;* em 1881 o *Mercador de Veneza* e o *Ruy Blas ;* e por ultimo as *Satyras, Canções e Idyllios*.

Estes livros, entresachados de paginas de *memorias* e outras publicações de menor tomo, d'elles agora nos occuparemos, por só escutar os accordes da lyra do poeta. Em todos se revella o seu primoroso talento. Ha ahi versos prestigiosos, a descreverem as paizagens da Biscaia e as da Beira, escorços de cêrros e presbyterios, trovoadas no lar e nas montanhas, onde o sol vem raiando apoz o combater das nuvens e das paixões. Outros são satyras ; o maior numero se poderiam chamar, *doloras* : — recordação de um prazer, o amargo do um soffrimento ; muitos são lances cumpridos da existencia. Se os dias voando lhe carregam a sombra e dão corpo á desillusão, ainda nos encantam, porque enfloram o coração morto, que passa no esquife das saudades. Quem chega aos annos ridentes, os da juventude perenne, e encontra um livro de poeta, escripto já n'esta razão, e, n'uma ou n'outra pagina, ou em todas fazendo chronica de penas e tristezas, — começa de acoimar de chorão o auctor, e conclue por fechar esse livro, que não corresponde ao ardimento de suas esperanças, tão naturaes á força do sangue novo. Volvidos, porém, os tempos, é quando a experiencia espanca a illusão, e a materia se sobrepõe ao espirito ; é quando a realidade veste mortalha ás esperanças, e os abrolhos ensanguentam a pomba, — é então que advem o rehabilitar do poeta, que mesmo ahi soube encontrar para o queixume e protesto humano, aquella forma immortal, que até nos revezes e soffridos contratempos, nos demove pela sua harmonia. E logo tem preço o livro, que se nos antolhava sentimental e rethorico, e ora é lenitivo, consolo e balsamo. Nem cuido eu seja outra a missão dos que tangem da mandora nas cordas, como diria Castilho, — senão vestir de côres, flôres e da descorada melancolia, os desalentos dos homens, os do seculo, e até os seus interesses, e até os seus egoismos, e até as suas paixões. Lamartine appellidou a poesia vindoura de — *a razão cantada*. Mas, está-nos parecendo, o Cesar da illusão não diria bem ; antes nos queremos com aquelle affirmar de Ruiz Aguilera : — *la ciencia rimada es pajaro de vuelo bajo y torpe, y que nunca logrará escalar las altas cimas donde tenen su nido las aguilas.*

Sim, o poeta não faz sciencia, permitta-se-nos o gallicismo ; o que lhe cumpre, não raro, é castigar com a satyra. Na região dos espiritos, aonde se ergue, ahi, tão sómente vê as más paixões, os vicios e os trêdos artificios dos humanos, para os expôr ao escarmento de todos, ou ao seu castigo. Raymundo de Bulhão Pato, robustecido n'aquella escóla — a da Ajuda, de protesto e combate contra prejuizos e sombras de um passado, que não queria morrer, é verdadeiramente grande, e mestre, quando indignado. Então, a alma do illustre morto que elle frequentou, apparece-lhe ; e, como o pae do principe da Dinamarca, diz a seu filho : — Lembra-te. D'ahi as satyras. Em todas as do poeta, maxime nas ultimas de 1888, realçam os versos por sua correcção, por sua linguagem vernacula, pela indignação da sua poesia. Revelam desde logo, um Juvenal, quando em 1874 apenas mostravam um Aristarco. O espirito invisivel dos espiritos, sente-se commovido, ao ver passar aquella procissão do egoismo, do fanatismo e das deformidades sociaes, que o poeta, voz em grita, vae enumerando e leva de rastos ao tribunal da opinião. A taes gestos, alvorotos, gritos, persente-se que na ordem moral algo se quebrou. Precipitam-se os passos, ao conclamar que vem da sombra. Apunhalaram ahi alguem, alguma cousa? Certamente : orre-se, e encontra-se um cadaver, ainda formoso na morte — é o da justiça ! Lêde as satyras de 1888.

Todos os poetas da peninsula teem sido batalhadores. Andaram na guerra, quando essa era a occupação que mais ennobrecia os homens; depois na politica, batalha tambem, que veiu sobrepôr-se á guerra, e que exalta aos que n'ella entram, e conseguem assignalar-se. Bulhão Pato não militou, nem politicou; não andou na milicia, nem na policia. Na batalha, porém, o viram, pois não raro do pulpito lhe acertaram duestos, e na vida civil azagaiadas que lhe feriram o melindre, ou azedaram o animo, deixando-o inquieto em noites mal dormidas. Elle, não obstante, sempre foi prestes na defeza, e certeiro na resposta, escalavrando com satyras os ousados, que o defrontaram. Ainda está por vir o dia, em que o triumpho ou o riso tossem os despojos opimos dos contrarios. É certo que alguns dos castigados não foram ao seu arraial doestal o á pugna. Mas, poeta, não raro sentiu que as iras de Juvenal são de consolo e virtude, porque não só a sancção das leis castiga os malfeitores, e casos ha, em que a lei, fundamentada em factos positivos, não abrange as maldades moraes, que ás vezes em alturas eminentes, por isso mesmo são espelho e exemplo de ingenuos e ignaros. Então o delinquente pertence á alçada do poeta ; e a pena, que demove o riso ou indignação, encontra o acceitamento publico, e é tanto mais duradoura, quanto a sua forma harmoniosa, entretecida de paixão, fica na lembrança, como as leis antigas, que os gregos fizeram em verso para serem mais facilmente decoradas. É nas satyras que se revela o poeta combatente ; é alli a sua arena politica, pois interessa a todos os cidadãos; alli a sua missão do homem publico. Quando ámanhã o poeta descer ao tumulo, todos virão testemunhar, que elle pagou o seu tributo de cidadão, concorrendo para o bem da communidade, com suas accusações satyrisantes, que, se não tolheram o passo a vicios e malfeitorias, pelo menos obrigaram á continencia os reus citados, e a sentença de censura o tribunal da opinião, ante o qual elle fez subir os processos.

(Continúa).

Conde de Vallenças

AS NOSSAS GRAVURAS

OCTAVIO FEUILLET

A nossa ultima chronica referiu-se largamente ao grande *successo* que em tempo Octavio Feuillet, o grande escriptor que a França acaba de perder, teve em Portugal já como romancista já como auctor dramatico.

Dando hoje o retrato do eminente litterato francez, vamos acompanhal-o d'algumas notas biographicas e para isso tivemos a boa sorte de encontrar ácerca da sua mocidade e dos seus primeiros passos na carreira litteraria uma especie de auto-biographia, escripta pelo proprio auctor do *Mr. de Camors* e do *Roman d'une jeune homme pauvre*.

« Meu pae que era um espirito muito elevado, muito liberal e um coração d'ouro, não contrariava as minhas predilecções litterarias senão na medida d uma prudencia legitima e sempre sob a forma mais affectuosa. Desde que elle poude acreditar que eu acharia na satisfação d'essas minhas predilecções uma carreira honrada, fez-se meu confidente e meu conselheiro litterario com uma mistura de ternura e de severidade de que me não posso lembrar sem uma commoção profunda. Eu adorava-o.

« A sua perda e a de meu filho, que se deu pouco depois, fizeram-me, no meio d'uma vida, geralmente feliz, um fundo de tristeza que creio durará tanto quanto eu durar.

« No collegio eu tinha fundado um jornal onde escrevia romances. Como todos nós, rabisquei muitas paginas obscuras e que mereceram perfeitamente sel-o, antes de chegar ao publico.

«A minha primeira peça foi o *Bourgeois de Rome*, pequena comedia ligeiramente assobiada no Odeau em 1846.

« A segunda foi *l'echec et mat* em collaboração com Paulo Bocage, e que teve exito no mesmo theatro.

« O meu pequeno romance *Onesta*, appareceu na *Revue nouvelle*, dirigida por Eugenio Forcade.

« No anno seguinte comecei a escrever na *Revista dos Dois Mundos*, onde publiquei successivamente : *Alix, le Pour et le contre. la Crise, Bellah Dalila, Redemption, le Village, le Roman d'un jeune homme pauvre*, etc.

« A *Crise* foi o primeiro dos meus proverbios que foi posto em scena.

« Fui condecorado em 1854, por proposta do sr. Hypolito Fortoul, ministro da instrucção publica, e promovido a official em 1863.»

E como se receiasse ter dito de mais n'esta noticia, tão simples e tão modesta, o illustre escriptor como que incommodado por esta confidencia, acrescenta logo :

« Acho tão excessivo o que faço n'este momento, apesar de o fazer a seu affectuoso pedido, que peço-lhe licença para ficar por aqui.»

Esta carta com estes apontamentos era escripta em 1880 e o grande litterato passava em silencio quasi todas as suas obras.

A lista d'essas obras é a seguinte :

Le Grand Vieillard — o seu primeiro romance — publicado aos 23 annos — em folhetins no *National* de 1845, escripto em collaboração com Paulo Bocage e Alfredo Aubert sob o pseudonymo commum de Desiré Hazard : le *Bourgeois de Rome*, comedia, 1846. *Palma*, drama em 5 actos com Paulo Bocage, e que se deu ha poucos annos em D. Marla, sem successo, com o titulo *Sexta feira Santa ; le Vieillesse de Richelieu*, comedia em 5 actos ; *Scenas e Proverbios (Redempção, Crise, Partida de Damas, A aldeia, Dalila, O cabello branco) le pour et le contre, la Feé, l'urne, Alix, la clef d'or* (que foi arranjada para o theatro por João Ricardo Cardoso e representada na Trindade por Emilia Adelaide e Tasso) *York, Peril en la demeure, la Petit comtesse, le Roman d'un jeune homme pauvre, Sybille, la Tentation, Redemption*, transformada em peça depois de 11 annos de publicada nas *Scenas e Proverbios, Montjoie, la Belle au bois dormant, Mr. de Camors, le Cas de conscience, Julie, Acrobate le Sphnis, Julia de Trecœur, Un mariage dans le monde, les amours de Philippe, le Journal d'une femme, les Portraets de la marquim, la Veuve, le Voyageur, la Mort, Un raman parisien, Chamillac, le Divorce de Juliette et l'Honneur d'artiste*, a sua ultima obra e de que estava tirando um drama quando a morte o surprehendeu.

Octavio Feuillet ia completar 69 annos de edade, pois nascera em 11 de agosto de 1822 em Saint Lô.

Era academico desde 26 de março de 1862 em que fôra eleito para a cadeira vaga pela morte de Scribe.

A EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE

No dia 15 do corrente partiu para Moçambique, a bordo do *Malange*, o primeiro turno da expedição militar composta do regimento de infanteria n.º 1 e de contingentes de artilheria e engenheria.

Como se sabe estas forças militares vão occupar a provincia de Moçambique e districto de Manica em especial, onde os ultimos acontecimentos tornaram innadiavel esta resolução.

Foi com verdadeiro enthusiasmo que o paiz recebeu a noticia de que se ia organisar aquella expedição, e foi com o mesmo enthusiasmo que Lisboa assistiu á sua partida, acordando na alma popular os brios d'outros tempos, em que d'esta mesma Lisboa partiam as frotas portuguezas que iam, em frageis caravellas, devassar mares «nunca d'antes navegados».

Foi assim que logo de manhã cedo o povo corria para a margem do rio, a vêr o embarque dos expedicionarios, que pouco a pouco se iam reunindo no Arsenal de Marinha, pois que a expedição não veiu debaixo de forma, mas á vontade, medida tomada superiormente, segundo parece, para evitar manifestações ruidosas.

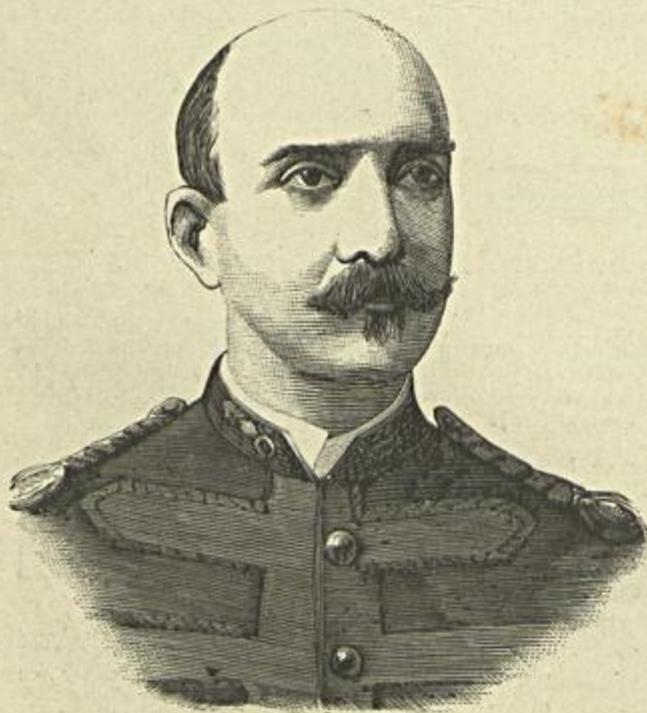
Pelas 9 horas da manhã já as forças principiavam a embarcar em pequenos vapores e faluas que as conduziam a bordo do *Malange* fundeado a pouca distancia da ponte do Arsenal.

É este embarque o assumpto da gravura da pag. 21 feita sobre *croquis* tirados na occasião pelo nosso collaborador artistico sr. Luciano Freire.

Um movimento constante de pequenos barcos crusava dos caes de embarque para bordo do *Ma-*

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE

O CORONEL MANUEL D'AZEVEDO COUTINHO
Commandante da Expedição

O CAPITÃO RENATO BAPTISTA
Commandante das forças de engenheria

O CAPITAO PEREIRA D'EÇA
Commandante das forças d'artilheria

O CAPITÃO JOSÉ LUIZ CALDAS
Commandante da secção de artilheria de montanha

lange, conduzindo milhares de pessoas que acompanhavam ao bota fóra os expedicionarios.

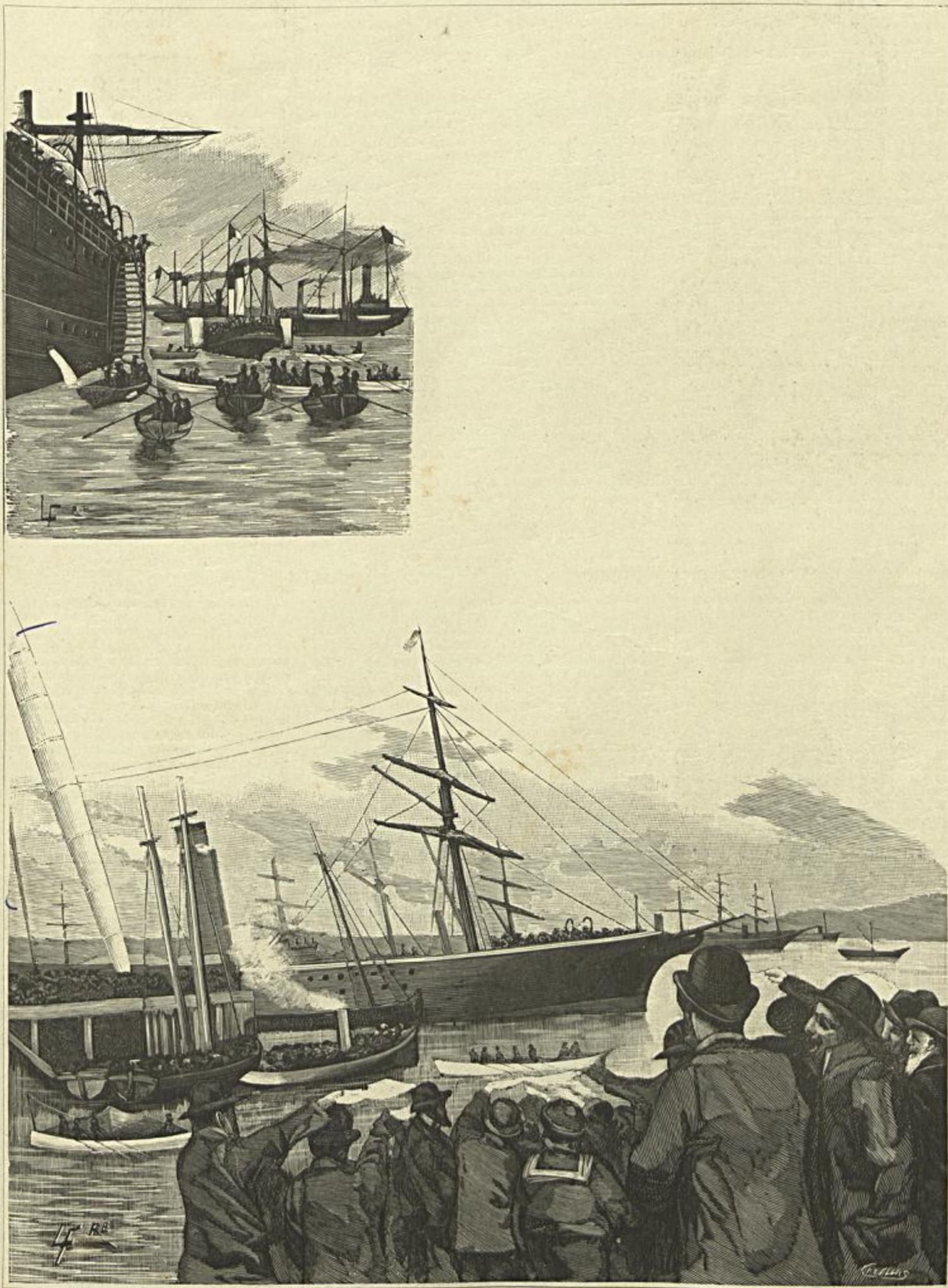
Quando pelas 3 horas da tarde o *Malange* se pôz em marcha, um numeroso cortejo naval o acompanhou até á barra, composto da canhoneira *Limpopo* conduzindo o sr. Antonio Ennes ministro da marinha, commandante geral da armada com o seu estado de ajudantes e mais officiaes e a charanga dos marinheiros; o *Lidador* em que ia o sr. superintendente do Arsenal e mais officiaes de marinha; o *Victoria* com a Sociedade de Geographia e imprensa; o *Conductor* com a Sociedade da Cruz Vermelha; o *D. Amelia* com socios da Liga Liberal: o *Guadiana*, o *Progresso*, o *Lusitania* e outros com muitas pessoas em que as damas tomavam boa parte.

O vapor *Victoria* foi o que mais se aproximou do *Malange*, e de seu bordo foi uma deputação da Sociedade de Geographia dar a boa partida á expedição, na pessoa do seu commandante o coronel Manuel d'Azevedo Coutinho.

Então o sr. general Cunha, presidente da Sociedade dirigiu-se ao commandante da expedição nos seguintes termos:

«Commandante.

«Na pessoa de v. ex.ª a Sociedade de Geogra-

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE

EMBARQUE DA EXPEDIÇÃO — 15 DE JANEIRO DE 1891

(Desenho de L. Freire)

phia abraça o corpo expedicionario a Moçambique, e reitera com a homenagem da sua solidariedade nacional, os votos que faz, e que são, certamente, os que mais se conformam com a consciencia e com a vontade do soldado portuguez, de que elle possa bem merecer da patria.

«Partis á voz do Dever e da Honra.

«Em vós a Força é Direito, porque comvosco vae a justiça e a razão d'um povo honrado, que não trahe a civilisação pela cubiça, e a causa santa da redempção africana pela mentira e pela extorção da Aventura Flibusteira.

«Representaes a Legalidade armada, a Paz com honra, a Lealdade com força para ser mantida e para ser respeitada.

«Assim vos comprehendemos e assim vos abraçamos, certos de que, na volta, poderemos, como agora, dizer-vos :- Viva o Corpo Expedicionario a Moçambique!»

A esta allocução respondeu o sr. Azevedo Coutinho agradecendo commovido aquella manifestação da Sociedade de Geographia e declarando os altos sentimentos patrioticos que o animavam a elle e a todos os expedicionarios para bem servirem a patria.

Eguaes manifestações tambem foram feitas pelos estudantes e pela imprensa e durante toda a viagem até a barra um côro de saudações acompanhou o *Malange*, como outros tantos applausos da patria a animar os que por ella d'ella se apartavam para irem defender longes plainos portuguezes.

*
* *

A officialidade que seguiu n'esta parte da expedicção é a seguinte:

Coronel commandante, Azevedo Coutinho; adjuntos ao commando, capitães Sousa Machado e Fausto Guedes, todos de infanteria; ajudante, D. Jorge de Mello, tenente de cavallaria.

De engenheria: capitão, Renato Baptista; tenente, Veiga da Cunha, alferes, Rodrigues Nogueira e Alvares.

De artilheria de guarnição: capitão Pereira d'Eça; primeiros tenentes, Pereira da Cunha, Vieira da Rocha e Sousa Miranda.

De artilheria de montanha: capitão, Caldas; primeiros tenentes, Cabral Sacadura, Martins de Azevedo e Baptista Coelho; veterinario, Frederico Silveira; tenente almoxarife, Henrique dos Reis.

Facultativos navaes: Rolão Preto (chefe do serviço medico), Leopoldino Gonçalves, Castiço Loureiro e Rodrigues Braga.

Pharmaceutico, Correa de Mesquita.

Administração militar: capitão sem prejuizo, Palermo de Oliveira; tenente, Sousa Caldas; alferes, Manuel Mauricio e Philippe da Veiga; tenente, Julio Borges, e alferes Silva Cruz, de infanteria, commandantes das secções de quarteis. Ao todo, 29 officiaes.

Juntemos aqui algumas notas biographicas dos commandantes das differentes secções para acompanhar os seus retratos que publicamos a paginas 20.

Manuel de Azevedo Coutinho, coronel commandante da expedição é um official com longo tirocinio no continente e no ultramar.

Pertence a uma illustre familia que tem dado valorosos defensores á patria, tanto no exercito de terra como na armada, contando actualmente tres distinctos officiaes na marinha, um que está em Africa, outro, o sr. Pedro de Azevedo Coutinho, commandante da canhoneira *Limpopo* em viagem para Moçambique, e João de Azevedo Coutinho o heroe do Chire ha pouco chegado a Lisboa.

Manuel d'Azevedo Coutinho foi alumno do collegio militar e depois da escóla do exercito onde seguiu o curso de infanteria.

Uma das suas primeiras commissões mais importantes, foi em Macau, onde o governador sr. José Horta o nomeou commandante da artilheria d'aquella possessão e material de guerra.

Com a sua energia e bravura ajudou a dominar a sublevação da tropa que ali houve, sendo coronel o sr. Almeida Barbosa.

Por este relevante serviço propôz o governador de Macau ao governo da metropole, para que fosse dada alguma recompensa honorifica ao coronel Almeida Barbosa e ao capitão Azevedo Coutinho, o governo, porém só premiou Almeida Barbosa e esqueceu-se de Azevedo Coutinho, cuja modestia lhe não permittio reclamar contra este esquecimento.

Cooperou intelligentemente com o sr. conde de S. Janunrio, quando governador de Macau, na escolha de armamento e artilheria para defeza da mesma possessão, dirigindo tambem a montagem das peças, o que apresentava difficuldade por ser pouco conhecido ainda o systema das mesmas e não ser elle official d'aquella arma.

Entretanto o modo como se desempenhou valeu-lhe o elogio official.

Este illustre militar prestou tambem serviço na India e nos Açores, e é no posto de coronel commandante de infanteria n.º 1, que foi para Africa commandando a Expedição militar a Moçambique.

Joaquim Renato Descartes Baptista capitão de engenheria e commandante do contingente d'esta arma é um dos mais illustrados officiaes do exercito precedido de um curso brilhante, que desde o principio da sua carreira militar o indigitou para commissões importantes.

Nasceu em Lisboa a 5 de outubro de 1855 e sentou praça em caçadores n.º 2 em 29 de julho de 1873, sendo promovido a alferes alumno de artilheria em 19 de agosto de 1874, seguindo os postos até o de capitão de engenheria, em que foi despachado a 30 de outubro de 1884.

Entre as suas commissões mais importantes encontramos a da direcção das obras do parque de engenheria em Tancos; direcção das obras do quartel de artilheria n.º 4 em Santa Clara; a de ajudante da escóla pratica de Tancos; e a de ajudante de campo do general commandante de engenheria, desempenhando ainda com esta commissão a de estudar o plano de reconstrucção do quartel de engenheria e a de fazer o regulamento de instrucção das tropas da sua arma.

Em 1886 foi a França commissionado pelo governo para estudar os ultimos progressos da arma de engenheria, e d'esta commissão deu conta em desenvolvido relatorio.

Em 1889 nomeado vogal da commissão encarregada de apresentar os projectos para quarteis typos do exercito

Ultimamente foi nomeado lente substituto de uma das cadeiras de construcção da Escóla do Exercito, logar que não chegou a desempenhar por ter sido suspensa a lei de reforma d'esta escóla.

É sob a sua direcção que desde 1882 se publica a excellente *Revista das Sciencias Militares* sendo um dos mais assiduos collaboradores d'esta publicação, com varios estudos muito apreciados.

As bellas lettras tambem lhe tem merecido culto e entre os seus trabalhos litterarios mencionaremos uma traducção para francez da *Morgadinha de Valflor* de Pinheiro Chagas.

São estas as principaes notas da sua vida que socintamente escrevemos e a que apenas nos falta acrescentar as distincções officiaes que lhe tem sido conferidas pelos seus bons servicos.

São ellas o habito de Christo e de S. Thiago, medalha de prata de comportamento exemplar, e o grau de Cavalleiro da Legião de Honra.

Antonio Julio da Costa Pereira d'Eça capitão de artilheria, pertence a uma familia distincta e sentou praça em artilheria a 22 de julho de 1869, tendo 17 annos de edade.

Foi estudante do Collegio Militar e concluio depois o curso da sua arma com muita distincção.

Tendo feito mais serviço de fileira que de secretaria conhece perfeitamente aquelle serviço, tendo-se desempenhado sempre com distincção de outras commissões que lhe tem sido encarregadas.

Em 1879 era tenente e em 1884 elevado ao posto de capitão para artilheria n.º 4.

A sua illustração e provados conhecimentos superiores da sua arma, indicaram-o naturalmente para a importante commissão de serviço que foi agora chamado a desempenhar.

José Luiz Caldas capitão de artilheria sentou praça em 5 de julho de 1877 tendo 27 annos de idade.

Em 1880 foi promovido a 2.º tenente e em 1882 a 1.º tenente. Em 16 de fevereiro de 1887 promovido a capitão, posto em que vae commandando a bateria de artilheria de montanha.

É um distincto official da sua arma e é esta a commissão mais importante de que é encarregado

ILLUSÃO OPTICA

As illusões opticas fornecem uma grande variedade de phenomenos divertidissimos tal como o que hoje apresentamos aos nossos leitores.

Veja-se a figura 1 representada por uma tira de papel pintada n'um tom graduado d'esde o preto até ao branco, a qual deverá ser collocada n'uma distancia não inferior a 3 metros da vista do espectador. Essa tira immediatamente apresentará á vista a forma de um cone truncado e para reconhecer esta illusão optica se collocará sobre uma outra tira um pouco mais larga, pintada do mesmo modo mas collocada inversamente e logo se reconhecerá que a tira não é senão um rectangulo alongado.

NOTAS DA CAPITAL

II

UM CEGO

Quando entrei na egreja, o sol afundira-se n'um empastamento humido de nuvens negras. Espalhara-se momentaneamente uma obscuridade densa que pesava a comprimir o ar, carioioso como uma dissolução de velludo pardo.

As pedras das ruas pareciam sobresair mais, em branco, da côr sombria da terra, que as calçava, como se aquella luctuosidade etherea lhes pozesse novos reflexos nos crystaes bassados pela fricção do movimento populoso que ia esmorecendo, aos poucos, talvez illudido pela crepusculisação extemporanea do dia.

No perystillo da egreja, um cego estendia a mão descarnada e tremula, de veias salientes, a pelle laivada de amarello, os dedos curvos a completar a concavidade palmar, e as unhas negras, compridas, asselvajando-a em aspectos de garra.

Olhei-lhe para a fronte. Era um velho de grandes barbas brancas, estendidas ao longo do peito abatido. A cabelleira branca, ennovelando-se em redor do craneo até ao pescoço, deixava-lhe quasi a nú a parte superior da cabeça onde tremiam subtilmente, n'um vermelho espelhoso da calva, um pequeno numero de fios brancos. Não era magro, e a sua testa larga, amplissima, cortada de rugas, tinha alguma coisa de superior, que me impressionou.

E por mais de um momento fiquei a olhar aquelle velho que revolvia o olhar inexpressivo, convulsamente, nas orbitas dilatadas talvez por um esforço louco de conhecer distinctamente tudo o que havia perto, tudo o que todos viam.

Lancei lhe uma moeda sobre a mão ordinalmente estendida que se não moveu, conservando impassivelmente a mesma posição, não sentindo talvez o contacto d'aquelle dinheiro que acompanhava lentamente o tremulo agitante dos seus membros.

Oh, mas elle sentira tudo, porque agora os seus dedos crispavam-se no disco do metal, tacteando-o machinalmente, de rosto inalteravel, immovel, como se aquella mão pertencesse e um outro corpo, como se aquella physionomia houvesse congelado a um bafejo rapido de um passado recordativo...

Porque eu adivinhava tudo o que se passava n'aquelle cerebro, via todo o vôo rapido da sua mocidade estridorosa por sobre paysagens de ideaes que a primeira invernia ensopou em lodo; via tudo, porque tudo na sua physionomia tinha letras fulvas que eu só lia, illuminado não sei porque impressão febril, agridoce, que me fazia sentir com elle, que me fazia imitar-lhe os movimentos, porque eu quedava-me absorto, tambem de mão estendida, como se estivesse ainda a entregar-lhe a esmola.

E quanto mais o fitava, mais me sentia attrahido para elle, como se o conhecesse de ha muito...

E foi depois de um longo silencio, que o cego, alongando um olhar indifferente no vacuo, murmurou:

— Obrigado!

*
* *

Entrei na egreja, deserta quasi. O escuro tenebroso das abobadas, lá no alto, tinha murmurações de psalmodias extranhas ao fulgor amarellento das velas dos altares. Tres vultos isolavam-se no pavimento, joelhos no chão, os rostos cobertos, como todo o corpo, de um negro de veus, onde apenas as mãos, segurando o livro de orações, punham uma nota viva de branco. Subi silenciosamente a nave da egreja onde o clarão do dia triste quasi não penetrava.

N'uma tela biblica, onde incidia fracamente a luz de uma lampada, pareceu-me ver ainda a physionomia do velho cego... E, caso singular, aquelle retrato trouxe-me á memoria um outro que eu vira, em creança, na tristeza pesada de um salão medievo, longe, n'um sitio onde ficava a luminosidade de um bello passado.

E então pensei tambem que esse velho seria um espectro que se consubstanciasse no retrato que eu agora entrevia nitidamente, pela nesga que o meu espirito abrira n'um ceu longiquo de infancia; um espectro que me seguia para ver na creança que outr'ora o temia chamando-lhe *avô*, a formação lenta do homem; fazendo-se mendigo para sondar toda a profundidade luminosa da minha alma; duplicando-se na tela da egreja para ver com os olhos de panno pintado, os meus menores movimentos, a minha sinceridade de oblação ..

E estava certo que aquelles olhos sem expressão, quasi indivisaveis á luz frouxa da lampada, me obrigariam a respeitar a sua velha crença, se eu risse das imagens sacras; me obrigariam a dobrar os joelhos, se eu fosse um agnyclito rude, intransigente e forte — Eram, com certeza, o desdobramento de um só espectro — o cego, e o velho da tela biblica!...

Eu sentia-o bem. Lembrava-me absolutamente que o velho retrato do meu avô, tinha aquelle olhar laminado no mesmo aço da espada que esgrimira; aquelle olhar de tela, frio e inexpressivo. mas com toda a rutilação epica de um astro que se apaga deixando sempre um crepusculo radioso e immortal...

*
* *

Fóra chovia. Nos vitraes da egreja, gottas de chuva abriam traços de transparencia humida no fundo embaciado dos vidros.

Pela porta, ao fundo, entrava uma corrente de ar frio que agitava de brando, as sedas dos altares e a chamma dos candelabros. A egreja obscurecera quasi totalmente, e a luz que n'ella havia, afundindo-se na treva das grandes architecturas petrificadas em negro, parecia apenas umas nodoas vacillantes de amarello vivido Estava lugubre, aquillo. Pairava ali alguma coisa de mysterioso soturno, como se uma noite enorme de inverno, enorme e obscurissima, fosse enfornada inteiramente, compactamente, egual a uma massa de breu, entre aquellas paredes gigantes, em aquelle vacuo cortado de somnolentas arcarias.

De subito uns passos deseguaes e pesados soaram no lagedo da egreja. Olhei persistentemente o fundo, e um vulto negro, vacillante, esfumava-se na dubia claridade que vinha da porta.

Julguei reconhecer o velho mendigo, o cego do perystillo, e machinalmente o meu olhar dirigiu-se para a tella biblica: — queria ver as duas formas do aspecto face a face! — A luz da lampada que illuminava a tella, apagava-se n'aquelle momento, com a lentidão frouxa de um gemido que se suffoca, e eu não pude já ver o velho biblico.

Esta nota coincidente, impressionou-me, e tive então como certa, aquella visão espectral do retrato de familia. Pensava ainda n'isto, quando uma mão se pousou, tremula, como tacteando, sobre um dos meus braços...

Voltei-me; era o cego, que caminhando ao longo da parede a que eu me encostara, havia topado no meu corpo. Não fallou nem pareceu impressionar-se; tirou a mão do meu braço, e ficando um momento immovel, isolado, como naufrago n'aquelle Vago, dobrou lentamente as pernas e ajoelhou.

....

Fóra era noite. Continuava a chuva. Pelos vitraes entravam, de quando em quando, brilhos rapidos de relampagos. Adivinhava-se uma treva enorme na mudez que rodeava a egreja. Eu, que ajoelhara tambem ao lado do cego, authomatamente, procurava escutar-lhe as orações com avidez febril, e repetia todos os monosyllabos incoherentes que a minha audição apurava.

De subito um relampago vivissimo, demorado, illuminou todo o templo, e eu, repetindo ainda as ultimas palavras do cego, vi o velho da tella biblica a sorrir-me pavorosamente, mysteriosamente...

D. João de Castro.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

(Continuado do numero 434)

II

Na margem do folio 67 do exemplar d'esta *Historia do Cerco de Diu*, hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, um dos seus antigos possuidores, de cujas mãos elle passou ás do conhecido bibliophilo Thomaz Norton e d'ahi veiu a figurar nas estantes da Bibliotheca, Rodrigo da Fonseca Magalhães, escreveu as seguintes interessantes palavras, confissão contrita de peccado, de que tambem elle sabia que o podiam accusar as gerações futuras. Eil-as:

— «Lopo escreveu, e, quando ferido, notou o que havia de escrever, e nós, os deffensores da cidade do Porto, gastamos os annos, os mezes, os dias e as horas em miseraveis politicas, e os nossos vindoiros ficarão sem saber o que fizemos pela liberdade do nosso paiz!»

Estas palavras, tão verdadeiras como tristes, disse-as o celebre estadista no plural, e desde 1834, fim das lutas a que elle se refere, até hoje, poucos, rarissimos dos corypheus da grande revolução liberal, podem inscrever o seu nome, protestando contra a terrivel accusação do criminoso silencio, que guardaram sobre a sua vida e feitos durante esse agitado, tormentoso e sanguinolento periodo. E não só sobre elles peza essa responsabilidade, recae, talvez mais tremenda, sobre os seus herdeiros, hoje illustres por esses, que lhes legaram, a uns o nome aureolado pela corôa vermelha dos martyres do cadafalso e da fogueira, a outros resplendente com o nimbo das victorias, a outros, finalmente, com a fortuna e a opulencia nova, não herdada dos antepassados.

Que nunca tivemos, que nunca cultivámos o genero narrativo das *Memorias*, tão abundante, tão curioso e interessante, na litteratura franceza, tão caracteristico e de tanto auxilio para os que escrevem e estudam a sua historia, é certo; — que ninguem pode obrigar o estadista, o general, o tribuno, o jornalista, á pezada e grave tarefa de escrever, para os vindoiros, a historia do seu tempo e do papel que n'elle representou, quando o espirito cançado. o coração ferido pelos embates das paixões tumultuosas, mais anceia, ás vezes, esquecer esses dias, essas luctas, esses desastres, e até mesmo as proprias victorias, ganhas com crueis sacrificios, tambem é innegavel, — mas ha sempre umas memorias que ficam, uma obra que se escreveu folha a folha, dia a dia — é a correspondencia, e essa releva na verdade a todas as Memorias, porque n'esses documentos surprehende-se a vida, o sentimento, vê-se a mão serena ou convulsa que os escreveu, o affecto, o interesse que os dictou. O que nas Memorias é calculado, meditado a frio, foi espontaneo e do primeiro jacto na carta escripta para o momento e que nunca, por mais cauteloso que seja o espirito, poderá ter as guardas, os reparos, as reservas e os desvios, com que, no silencio do gabinete, isolado do presente e com os olhos no futuro, escrevem as suas confidencias os grandes homens. Têm as Memorias maior interesse dramatico, costeiam mais de perto a historia; mas, por isso que são mais feitas, tem mais arte e tambem mais artificio; as cartas não. que são apenas a substituição da palavra, e foi a epistola, a missiva, aonde não poude ir o homem.

Que immensa luz derramaria sobre a historia moderna do nosso paiz a correspondencia de Fernandes Thomaz, de Mousinho da Silveira, de Passos Manoel, do duque de Saldanha, do marquez de Thomar, de Joaquim Antonio d'Aguiar, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de José Estevão, n'uma palavra, dos vultos mais notaveis da politica e da guerra desde 1820 até aos nossos dias, sem esquecer as dos heroes das lettras, a correspondencia de Garrett, de Herculano e de Castilho, onde elles trataram das altas questões litterarias ou dos grandes interesses da sociedade contemporanea! Quantas lições ahi se nos depararíam de bem sentir, de bem pensar e de bem escrever, que tão necessarias são todas ellas n'estes anarchicos e desvairados tempos, que vão correndo!

....

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

SCENAS BURGUEZAS

IV

UM JANTAR BURGUEZ

(Continuado do numero 434)

Hesitava em ir ter com o Mario, ou em acompanhar as senhoras e o tio Florencio que lá lhes tornava a digestão agradavel com os seus *ditos*. Mas sentia proridos de expansividade n'um largo anceio de confidencias a pessoa amiga, ao Mario principalmente Além d'isso, Anna de Athayde, tomara de tal modo a primasia na discussão, ao café, que ella Ema, a sua verdadeira, unica amiga de Mario pensava, mal tivera tempo para o vêr quanto mais para lhe fallar. Tinha velleidades de lhe dizer muita cousa, *tudo* talvez.

—... tudo! não ..

E sorria tomavam-n'a tentações.. e revoltava-se contra o que sentia... tinha-lhe zanga...

— Pobre Mario!

Para que havia de estar a responder, a fallar com tanto calor com uma mulher que decerto o não apreciava, que o não saberia estimar, como a Ema. Sim, ella gostava d'elle, mas como irmão.

E levava á testa as mãosinhas, n'um movimento sacudido, como para affastar algum pensamento que a contrariasse.

De repente toma uma resolução; n'um passo apressado dirige-se para a janella em que estava Mario Guerreiro.

— Mal sabes tu em que eu estava a pensar agora? Responde a uma pergunta *mental* — sim ou não?

Elle affastou-se, surprezo, da janella, olhou distrahido para a cadeira em que estava sentado o conselheiro Simões que entretinha um cavaco intimo muito papagueado com a Gina, e começou a fitar a Ema n'um tom apprehensivo, quasi serio; depois entre benevolente e triste, simulando um bocejo, respondeu sorrindo:

— Por certo que não.

Tomou-lhe com meiguice paternal as mãos e puchou-a para si levando-a para a janella.

Ema murmurou confusa:

— Tolices, era tolices, não faças caso.

....

Lá fóra a tarde continuava n'uma transparencia suavemente fumada, muito clara; ao longe o Tejo, o soberano da Europa favorecido pelos poetas, faiscava na sua superficie myriades de luzinhas brandas; o Azul da abobada ideal ia desbotando, e, exactamente defronte da janella onde se achava o Guerreiro, *stratus* côr de roza esbatiam em branco-leite, alongando-se em farrapos para o oeste, espalhando na casa uma claridade estranha!

A Emasita fôra á salla levar a pequenita Gina, porque o conselheiro fôra vêr, ouvir, *estas queridas senhoras*, como elle dizia.

Mario estava só. Pensava que lhe chamavam orgulhoso, que até diziam:

— É muito altivo; nunca ha de ser nada. Quem é pobre não tem orgulhos.

Vivia só. Não tinha pae nem mãe; nem as santas caricias d'esta, nem os conselhos d'aquelle. Não tinha mãe...

Esse alguem que prefere ao namorado
cantar das aves minha rude voz...

como disse o nosso saudoso Gonçalves Crespo.

N'um grande abandono de si mesmo, sem odiar ninguem era indifferente a tudo. Só aquella creança acordaria n'elle um sentimento de respeitosa admiração em que havia o mysticismo d'esse adoravel amor que só as mães inspiram aos filhos. Amava muito a Ema, é certo, mas não via n'ella a Mulher, amava-a muito porque pensava vêr na Ema a alma de sua propria mãe.

— Como é bom ter um ente que nos conheça e ame...

De repente, um sôpro leve perfumado como o halito das mães. perpassou-lhe na nucca... e sentio sobre as palpebras o pezo brando de mãos frescas, macias, pequeninas; e pelas narinas penetrava-lhe o *odor di femina*, um composto de rendas, carnes brandas, sedas e bretanhas...

— Bem sei... é a martyrsinha pelo muito que quer a todos, murmurou elle n'um fremito jubiloso que lhe correu toda a medula.

— Adivinhou...

Era a Ema; ella gostava, ás vezes de o tratar por *senhor* para o que aproveitava uma seriedade muito comica.

— Esperei que todos estivessem entretidos, para fallar comtigo; disse Ema, descendo as palpebras sob a radiação da luz que colloria as nuvens côr de fogo, insustentavel! Chegara-se muito a elle hombro com hombro.

Mario observava-a com muito interesse, acostumara-se á ideia de não tornar a vêl-a, assim, tão viva, depois da pavorosa doença a que assistira.

...E ella talvez impressionada pelo que vira entre Anna de Athayde e Mario, começou, sem indicar nomes, contando uma serie de ingratidões que praticavam, de injustiças que commettiam para com ella, as amigas, os parentes.

E, de pé, muito direita, em grande animação de rosto, com os dentinhos cerrados, levantava a cabeça, e, estendia os braços, n'um esticão nervoso:

— Ai! credo! não imaginas! tomára que não me caustiquem mais! exclamava contra tudo que a fazia padecer.

Sentaram-se...

Elle muito apprehensivo, affectando não ouvir a voz de Anna de Athayde que dizia na salla contigua:

— Não digam isso, Mario só gosta da mulher porque ella é... creança!

Ema tocava os seus joelhos nos d'elle, descançava-lhe no hombros as mãos. Puzera na voz um tom mal accordado que depois se definio n'uma grande energia.

— Não me comprehendem. Só tu é que me conheces! Tu é que me conheces bem! — affirmava na sua insistencia de incomprehendida, e largando-lhe os hombros tomava-lhe as mãos nervosamente para as collocar no regaço; e desenvolvia uma grande locacidade contando factos, lembrando circumstancias, adduzindo particularidades; fitando-o umas vezes muito zangada, outras triste, sempre muito harmonica, implorando a approvação d'elle:

— Não é verdade Mario? — tu é que sabes como foi...

Elle muito condescendente meneava a cabeça, n'um gesto pesado, e resolvia:

— Minha querida, és mesmo uma martyr!

Ella baixava os olhos como não se achando merecedora, murmurava abanando a cabeça:

— Não me conhecem, não me conhecem...

D'um modo penetrante apertava muito as mãos de Mario, e recuando os cantinhos da bocca revellava um grande desgosto da vida assim mostrava na face avelludada duas tentadoras covitas, os olhos muito escuros e curiosos, cerravam-se, como que resignadamente esperando uma catastrophe inevitavel; a testa purissima muito liza, illuminava-se pelos cambiantes dos cabellos n'ella revoltas, dourados pela luz de tons vermelhos que o sol punha no cahir da tarde.

Havia uma quietação, na verdura dos campos e na athmosphera, que mais approximava o espirito de Mario do de Ema.

Ema sentia as mãos d'elle penetrarem com um calor picante a epiderme das suas; e, começava de sentir-se hypnotisada, por certa lassidão; estendia os pesinhos muito juntos mostrando-os, — inadvertidamente; — então tornava muito saliente, sob o vestido *browon* de guarnições pretas d'uma simplicidade ingleza, toda a esculptura do seu delicioso corpo de mulher-creança.

Mario estava n'esse momento singular, em que parecemos viver da vida d'outro ente pela certeza que temos de ser o nosso gozo, apenas uma reflexão do que aquelle goza... E, pela mente perpassavam-lhe ideias diabólicas; parecia-lhe impossivel ainda, vêl-a assim, tão viva; sentia-se quente, vigoroso.

Estavam sós, finalmente. N'ella uma grande confiança por elle; e no Mario o desejo natural, indomavel, principiava de manifestar-se; é que a sensibilidade justificada pelo gozo ía já adormecendo a razão.

Ema, confiando tudo de Mario, não vendo no seu silencio senão um alhêamento, uma tristeza de quem vive

« *como vive quem não vive*
« *com quem deseja viver* »

quiz accordal-o d'aquella morbidez, com uma d'essas meiguices de que, ella sabia, elle tão gratamente gostava... Desceu-lhe a mão pela testa, posou-a n'uma das *fontes*, onde o filete motor do frontal, latejava excessivamente agitado.

— Como tens estas veias sahidas! extranhou.

— É um musculo, indicador de attenção fixa; respondeu; e, interessando-se muito, explicou o caso physiologicamente.

Esta *martyrsinha* tinha por elle cuidados muito sympathicos; punha-lhe o chapeu na cabeça quando elle sahia para a rua; fazia-lhe o laço no pescoço, com o *cache-nez* que elle usava de seda colonial azul e cinzento; sentia-se muito curiosa de tudo que era d'elle: a carteira... os papeis... Se fosse homem — desejava ser assim.

A pequena Carrilho, como lhe chamavam as amigas intimas, vangloriava-se de curvar aquelle indomavel: encostava a sua face fresca e avelludada, como as petalas d'uma roza *Malesherbe*, á d'elle nervosa, mascula, quente; aprazia-lhe confundir, o seu cabello que tinha a macieza do *pekin* com o d'elle forte, escuro, muito resistente ao contacto da sua mão curiosa.

(Continua) *Manuel Barradas.*

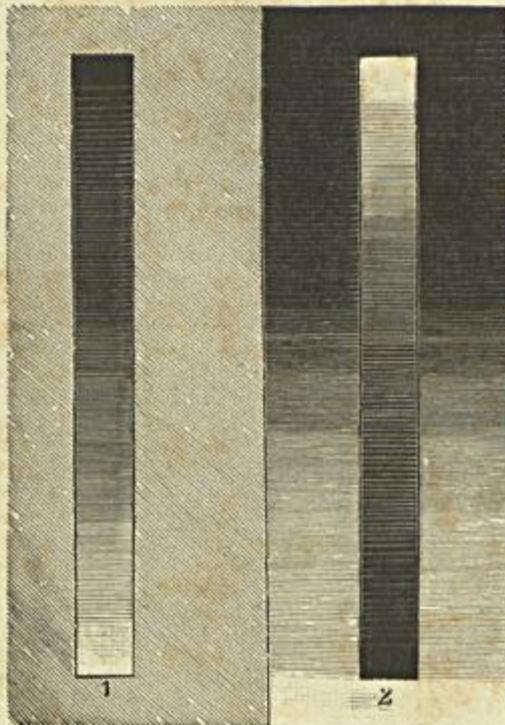
REVISTA POLITICA

Está satisfeita em parte uma das interrogações que se levantava no espirito publico, sobre quando e como sahiria a expedição militar a Moçambique, interrogação que se não se fazia publicamente, nem por isso deixava de existir no intimo do mesmo espirito publico, nimiamente incredolo na sua propria força, effeito natural da desconsolez em que vive por tanto lhe diserem que não presta para nada.

É só assim se explica o espanto, o assombro que produzio no bom publico, aquelle punhado de homens que, no cumprimento d'um dever, se foram a defender terras que os portuguezes d'outras épocas, por simples espirito d'aventura se foram a descubrir, atravez dos maiores perigos, principiando pelas frageis caravellas em que se transportavam.

Como os tempos vão mudados e como esta pobre humanidade vae estando cada vez mais fraca.

E entretanto o que se fez agora com o espanto e admiração das gentes, já se devia ter feito ha muito, pelo menos logo em seguida á conferencia de Berlim, que afinal cremos não se ter reunido para outra cousa mais, que dar o livre direito de cada qual se apossar em Africa do que não tivesse outro dono além do africano.

Ora Portugal que se considerava dono da maior parte da Africa pelos seus direitos de descoberta, direitos que as potencias se não mostravam dispostas a respeitar, deixou-se ficar na doce tranquilidade d'um bemaventurado, em vez de tratar de occupar melitarmente os territorios que lhe convinham e até onde as suas forças chegassem, — primeiro passo para a garantia da propriedade — e estabelecer uma forte corrente de emigração que fosse desenvolver e dar força á mesma propriedade.

ILLUSÃO OPTICA

Se assim se tivesse procedido immediatamente, não se teria dado folgo a outros occuparem o nosso logar, — para maior irrisão com a nossa ajuda — e não nos veriamos hoje á braços com essa grave questão tão dolorosa para o nosso orgulho nacional quanto precaria para a nossa vida económica.

Ahi tem como as coisas mais naturaes d'este mundo podem produzir tamanho espanto. Ahi tem como o paiz que quer ter colonias, que as deve ter, que as precisa ter, não falla em outra cousa ha dois mezes que na expedição que vae partir, que partiu, que jantou aqui, que almoçou acolá, que leva laços azues, que vão de muito boa vontade, pelo seu pé, depois de terem passado as festas do Natal e a dos Reis com as familias, e taes ditos e exclamações, capazes de profanar com o rediculo a seriedade, a hombridade d'esses portuguezes que partiram no cumprimento d'um dever.

É este o primeiro acto patriotico e pratico que se tem produzido depois do *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890; que não seja o ultimo e estará salva a nossa honra, rehabilitado o nosso credito, porque teremos entrado n'uma vida mais salutar e menos enervante, em que nem só um talhersinho á mesa do orçamento seja a suprema aspiração de tantos espiritos doentios.

Calculae bem se essas sommas dispendidas em alimentar esse exaggerado estado maior do funccionalismo official com todas as commissões imaginaveis criadas por outros tantos ministerios que Deus haja, se empregassem em fomentar por todos os modos o desenvolvimento das nossas colonias, digam-nos se os nossos dominios em Africa seriam apenas *in nomine* e se outras nações veriam apenas n'el-les outros tantos paizes abandonados.

Como não offereceriam essas colonias vasto campo para o desenvolvimento da nossa actividade e riqueza.

Como esse funccionalismo acumulado nas nossas secretarias, não poderia prestar bons serviços na administração d'essas coloniss, onde ha comarcas maiores que Portugal com funccionarios que acumulam os mais extranhos officios e isto onde os ha.

Como a boa administração d'essas colonias seria a priecipal garantia para a emigração e colonisação das mesmas.

E como tudo isto não seria mais pratico e util do que essas miseraveis questões de politica de campanario com que se tem desacreditado as instituições, desmoralisado a sociedade portugueza, reduzindo-a ás tristes condições de não acreditar em si propria.

Alguem poderá negar estas verdades?

Não teremos sofrido ainda o bastante para que não nos convensamos de quanto errados temos andado.

Porque emitamos aqui tudo quanto vêmos lá por fóra, porque não imitamos a administração com que os povos mais adiantados se governam?

Nós que temos tantos bens que elles nos cubiçam, porque os não aproveitemos, em vez de os pôrmos em risco de os perder?

Acordemos por uma vez, esfreguemos bem os olhos e libertem'o-nos d'este torpor que nos enerva e já não será caso novo o destacar forças militares para as possessões um paiz que as tem ha quatro seculos.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Finis Patriae. — Poemeto de guerra Junqueiro: dedicado á Mecidade das escolas, começa o poeta:

Na escuridão, ouvi! ha sombras a fallar:
É negra a terra, e negra a noite, é negro o luar.

E fallam nos onze *Cantos* as *Choupanas de camponezes, possilgas de operarios, casebres de pescadores, os hospitaes, as escolas em ruinas, as cadeias, condemnados*, as *fortalezas desmanteladas, os monumentos arrasadas, estatuas de heroes, uma voz na treva.*

Depois segue-se, a poesia especialmente dedicada *A' mocidade das escolas*, o conhecido *Caçador Simão*, e um fragmento do *Portugal no Calvario* sob o titulo de *A' Inglaterra* em bellos alexandrinos que salvam porfeitamente a crueza do canto VIII no ultimo verso.

Finis Patriae é, como todas as producções de Guerra Junqueiro, uma nova prova do seu robusto talento accentuando mais do que nunca a sua ultima preoccupação — a finilidade.

E' livro para fazer epocha pelo momento em que vem e pelo alvo que visa.

Agradecemos ao notavel poeta a delicadeza em affertar-nos o seu bello livro.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 13